

A resposta estoica para o desejo de felicidade

THE STOIC ANSWER FOR THE WISH FOR HAPPINESS

*Alexandre Toler Russo**

*Marcelo Perine***

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a resposta estoica para o desejo humano de felicidade. Na Antiguidade, a filosofia ocupava-se eminentemente dessa questão, entendendo que o objetivo final de todo ser humano era o alcance da felicidade e que o desejo dela era natural a todo homem. Entre os antigos, os estoicos também formularam uma resposta para essa questão, resposta essa que passa pela compreensão de todo um sistema ético. Nesse sistema, articulado em torno da figura do sábio, há uma explicação sobre o que se deve desejar, o que se deve rejeitar e o que é indiferente para a felicidade. Em última instância, deve-se desejar e alcançar a virtude para ser feliz, rejeitando o vício e escolhendo, entre os indiferentes, aquilo que é mais conforme à natureza como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Felicidade; Estoicismo; Ética; Sábio.

ABSTRACT

This article aims to show the Stoic answer for the problem of the human wish for happiness. In Antiquity, philosophy used to deal with this question, taking for granted that the purpose of all human beings was happiness, and that the desire for it was natural in every man. Among the ancients, the Stoics also formulated an answer for this question, and this answer is framed by a complex ethical system. In this system, - centered in the figure of the sage - there is an explanation about what one has to wish, what one has to reject, and what is indifferent for the achievement of happiness. In sum, one has to desire and obtain virtue in order to be happy, rejecting vice, and choosing, among the indifferent, what is more akin to nature as a whole.

KEYWORDS: Happiness; Stoicism; Ethics; Sage.

* Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

** Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

Introdução

Na Antiguidade, umas das preocupações centrais da filosofia era o problema da felicidade. Entendia-se que todo o ser humano tinha o desejo de ser feliz, e a felicidade era mesmo vista como a finalidade da vida do homem. Sistemas éticos foram desenvolvidos em torno desse problema, elencando distinções sobre o bem e o mau e sobre as coisas que deveriam ser desejadas, perseguidas e alcançadas pelos homens, a fim de se obter a felicidade. As reflexões socráticas na origem da filosofia, por exemplo, versaram bastante sobre a ética, tendo como parte integrante a questão da felicidade.

Neste artigo pretendemos apresentar a resposta de uma dessas escolas filosóficas de raiz socrática, qual seja, o estoicismo, a respeito da felicidade. Os estoicos também compartilhavam dessa visão segundo a qual a felicidade era um desejo natural a todos os seres humanos, elaborando um sistema ético – parte essencial de seu sistema filosófico, ao lado da lógica e da física – no qual se estabelecem as coisas boas que devem ser desejadas, as coisas ruins que devem ser evitadas e as coisas indiferentes que devem ser escolhidas tendo como critério a conformidade com a natureza humana e do todo. Em suma, dentro desse sistema ético, a virtude, vista como boa, é o que deve ser desejado e alcançado para a obtenção da felicidade.

Além desta introdução e das referências bibliográficas, o artigo divide-se ainda em outras três partes. Em primeiro lugar, apresenta-se um

histórico da escola estoica, envolvendo suas três fases. Em segundo lugar, segue-se uma breve visão geral da ética estoica, na qual se situa a questão da felicidade. Por fim, em terceiro lugar e como conclusão, apresenta-se sucintamente o problema da felicidade, entendida como um desejo que só se completa pela aquisição da virtude.

1. Estoicismo

O estoicismo é uma escola filosófica de raízes socráticas fundada por Zenão de Cício cerca de um século depois da morte de Sócrates. Costuma-se dividir a história dessa corrente de pensamento em três fases: o estoicismo primeiro, de aproximadamente 300 a.C., época de sua fundação, até o fim do século II a.C., período que compreende a direção de Crisipo; o estoicismo médio, ou a era de Panécio e Posidônio; e o estoicismo romano, correspondente à fase imperial da Roma antiga e marcado pelas atividades de Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio.

Os principais personagens dos dois primeiros séculos de existência do estoicismo vieram, em sua maioria, da região oriental do Mediterrâneo. Em Atenas, no entanto, metrópole cultural da Grécia continental, foi que a escola se estabeleceu e ganhou forma¹. Embora a Zenão seja atribuído o papel de fundador, Crisipo é tido como o mais importante pensador dessa corrente filosófica. Figura intelectual de primeira grandeza, desenvolveu a filosofia estoica em diversos aspectos, tendo escrito mais de

¹ INWOOD, Brad. Os Estóicos. Tradução: Raul Fiker. Preparação e Revisão Técnica: Paulo Fernando Tadeu Ferreira. São Paulo: Odisseus Editora, 2006. Pág. 8.

setecentos livros. Ainda que nenhuma dessas obras tenha chegado intacta aos nossos dias, o que se chama hoje de estoicismo é em grande parte o resultado do seu trabalho, parcialmente vislumbrado em citações, sumários e compêndios². Além de Zenão e Crisipo, essa primeira fase ainda compreende alguns outros nomes de destaque, como Cleantes, Diógenes da Babilônia e Antípatro de Tarso.

Paralelamente à influência socrática, na gênese do estoicismo também se encontra o cinismo. Crates e Hiparquia, célebres cínicos da Antiguidade, conhecidos pelo escandaloso desprezo às normas sociais, foram, ao que parece, professores de Zenão. É certo que o fundador do estoicismo não compartilhava desse radicalismo escandaloso, no entanto, o ataque às instituições cívicas, ao estilo cínico, era uma das marcas do seu pensamento³. Já a Academia Platônica⁴, nas figuras de Pólemon e Estílpon, teve parte na formação de suas concepções éticas. Por fim, Diodoro Crono, representante do lado dialético da tradição socrática, ofereceu a Zenão treinamento em lógica e em sofismas.

Na primeira fase a filosofia estoica, em constante interação polêmica com a Academia Platônica, ou melhor, com a “Nova Academia”, já marcadamente cética, e com a escola peripatética fundada por Aristóteles⁵,

2 BRENNAN, Tad. *A Vida Estoica: emoções, obrigações e destino*. Tradução: Marcelo Consentino: Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2010. Pág. 24.

3 INWOOD, Brad. *Os Estóicos*. Tradução: Raul Fiker. Preparação e Revisão Técnica: Paulo Fernando Tadeu Ferreira. São Paulo: Odysseus Editora, 2006. Pág.10.

4 Originalmente, a Academia preservava a interpretação do pensamento socrático dada por Platão. Com o passar do tempo, no entanto, tornou-se uma escola fundamentalmente crítica e cética.

5 INWOOD, Brad. *Os Estóicos*. Tradução: Raul Fiker. Preparação e Revisão Técnica: Paulo Fernando Tadeu Ferreira. São Paulo: Odysseus Editora, 2006. Pág.12.

foi tomando a forma que posteriormente viria a ser desenvolvida – sobretudo por Crisipo – na segunda fase. Tripartite, o estoicismo consiste de ética, física e lógica. Sua ética é uma espécie de revisão socialmente respeitável da moralidade cínica. Sua física deriva, em larga medida, do *Timeu* de Platão, mas com aparente inspiração heraclitiana. Sua lógica, por fim, inclui, não só o estudo formal do argumento e de outros modos de discurso, mas também o que se poderia chamar de uma “epistemologia”.

A segunda fase do estoicismo começa depois da morte de Zenão, em 262 a.C., quando Cleantes passa a dirigir a escola. Esse segundo período foi marcado por disputas intensas sobre a interpretação correta das palavras do fundador. Exemplos desse tipo de controvérsia foram o debate entre Cleantes e Crisipo sobre as considerações de Zenão acerca da sabedoria⁶ e os embates sobre a formulação correta do fim (*télos*) moral. Os escritos do criador da escola estoica, no entanto, conquanto servissem de base indiscutível para as discussões, não estavam sistematizados a ponto de impedir o debate exegético. Certos pensadores estoicos chegaram mesmo a excluir escritos de Zenão do que poderia ser propriamente considerado o cânon da filosofia por ele estabelecida.

Nesse contexto de confronto interpretativo dentro do próprio estoicismo destacou-se Crisipo. Foi ele responsável pela sistematização enciclopédica do pensamento estoico em uma extensa série de tratados. Mais do que isso, a lógica estoica, considerada a joia da coroa desse sistema filosófico, deve a Crisipo parte importantíssima de seu desenvolvimento.

6 INWOOD, Brad. *Os Estóicos*. Tradução: Raul Fiker. Preparação e Revisão Técnica: Paulo Fernando Tadeu Ferreira. São Paulo: Odisseus Editora, 2006. Págs. 16 e 17.

Depois da morte desse mestre, restaram apenas duas personalidades de destaque: Zenão de Tarso e Diógenes da Babilônia. A respeito deles, não há muita informação disponível, embora se saiba de algumas contribuições de Diógenes no campo da estética.

Esse segundo momento do estoicismo foi marcado pelo crescimento do prestígio da escola em Atenas. Depois de período breve em 307 a.C., durante o qual muitos filósofos foram exilados, os estoicos, ao que tudo indica, gozaram de grande prestígio em Atenas. Mais precisamente a partir de meados do século II a.C. é que a popularidade desses pensadores parece ter alcançado o auge. Em 115 a.C., os então diretores da *Stoa*⁷, da Academia e do Perípatos foram escolhidos como embaixadores para representar Atenas em negociações em Roma. A importância histórica desse fato foi grande, visto que as conferências dadas por esses filósofos na capital imperial despertaram entre os latinos o gosto pela filosofia.

Também de meados do século II a.C. data uma reorientação relevante da escola estoica, qual seja, a revisão de sua herança platônica. Antípatro de Tarso parece ter sido o grande instigador desse movimento. Posteriormente, Panécio e Posidônio deram continuidade à exploração do terreno comum entre estoicismo e platonismo, com destaque para a cosmologia do *Timeu*. Posidônio, particularmente, concentrou-se no pitagorismo contido nesse escrito, deixando claras as raízes ancestrais do estoicismo. Em linhas gerais, o que esses filósofos fizeram foi uma combinação de recursos filosóficos entre o que podia ser entendido como três ramos

⁷ *Stoa Poikile*, ou pórtico pintado, era o local em que os estoicos se reuniam e que acabou servindo de nome para essa escola filosófica.

da tradição platônica: o platonismo antigo, o aristotelismo e o estoicismo. Esse sincretismo, no qual se vislumbra muito do caráter futuro da escola, teve impacto visível em um contemporâneo mais jovem de Panécio chamado Antíoco de Áscalon.

Antíoco era membro da Academia: à época, uma escola formalmente cética, mas cada vez mais interessada no desenvolvimento de uma doutrina positiva. No entanto, incorporou em seu pensamento muito das reflexões estoicas. Influente na república romana tardia, entre cujos membros conquistou seguidores ilustres como Varrão e Brutus, Antíoco teve importância significativa na influência que o pensamento estoico alcançou em Roma no século I a.C.

Por uma série de eventos relevantes, entre eles o cerco de Atenas pelo general Sula, a Grécia deixou de ser o centro das atividades estoicas, cedendo lugar a Roma, na qual se concentraram muitos pensadores gregos dessa corrente filosófica. Embora houvesse poucos romanos declaradamente estoicos, o sistema de valores do estoicismo era compatível com o modo de ser da nobreza latina, de maneira que as ideias estoicas, por volta da época da transição da era republicana para a era imperial, adquiriram prestígio junto aos altos dirigentes, entre eles Augusto. Dois filósofos estoicos destacaram-se nesse período: Atenodoro e Ário Dídimo. Atenodoro, apontado como governador de Tarso por Augusto, passou a maior parte da carreira em Roma, onde, como conselheiro moral do imperador, era tido, diz-se, em alta consideração por ele. Ário Dídimo, igualmente um filósofo da corte admirado por Augusto, atingiu a eminência como

expoente em filosofia moral prática. Foi nesse ambiente em que a filosofia se misturava com o aconselhamento da alta corte que o estoicismo entrou em sua terceira fase.

O estoicismo da terceira fase, ou seja, da era imperial romana, sofreu influência das diferentes fases políticas e culturais de Roma. A fase, ou era, júlio-claudiana (de Augusto a Nero), foi positiva para as atividades filosóficas em geral, incluindo o estoicismo. Sêneca destacou-se nesse período, tendo servido como tutor e conselheiro de Nero, até cair em desgraça por suspeita de participação em plano para derrubar o imperador. Foi um autor prolífico em obras sobre ética. Compôs ainda tragédias marcadas pelo estoicismo. Importante também, nesse período, foi Musônio Rufo, cavaleiro⁸ romano envolvido ativamente na política de sua época. Foi professor de Epicteto e Dion Crisóstomo. De Epicteto, ex-escravo da Frígia, chegaram até nossos dias ensinamentos éticos orais – preservados por Arriano (*Discursos*) – que constituem fonte fundamental para a reconstrução dos padrões estoicos de educação desse tempo.

Durante o governo de Adriano (117-138) e dos imperadores antoninos (de Antonino Pio a Cômodo, 138-192), a vida literária e intelectual foi largamente favorecida. Assistiu-se então ao ápice da “Segunda Sofística”, um florescimento da atividade cultural por todo o mundo greco-romano, centrado na declamação, mas sem descurar dos estudos filosóficos e técnicos. Havia patrocínio imperial para isso tudo: diversos imperadores instituíram cadeiras de retórica em Roma e alhures; Marco Aurélio instituiu quatro cadeiras de filosofia em Atenas (para o estoicismo, o epicu-

⁸ Membro da segunda classe social mais alta da Roma antiga.

risimo, o aristotelismo e o platonismo), o que marcou o ressurgimento da cidade grega como centro intelectual, juntamente com Pérgamo, Esmirna, Antioquia e Alexandria. Marco Aurélio, aliás, sofreu grande influência do estoicismo. Suas *Meditações*, escritas em grego, são como um diário filosófico em que os princípios estoicos servem de base para a reflexão sobre os desafios da vida.

A partir do século III d.C. fica mais difícil traçar indicações claras de atividade estoica. Todavia, o estoicismo, particularmente como expresso nos *Discursos* de Epicteto, permaneceu influente no pensamento da Antiguidade tardia e além. Sabe-se, porém, que, em sua versão do platonismo, Plotino absorveu ideias estoicas e aristotélicas. Simplício, no século VI, escreveu um comentário sobre Epicteto. E o moralismo austero desse mesmo Epicteto atraiu o interesse dos primeiros pais da Igreja, - entre os quais Clemente de Alexandria e Orígenes -, interesse que persistiu entre os ascetas medievais cristãos⁹.

Para além dessas três fases em que é tradicionalmente dividida, e mesmo para além de suas influências sobre o fim da Antiguidade tardia e sobre os ascetas medievais, a corrente filosófica estoica foi provavelmente a de maior divulgação, mas de menor influência explícita e menor reconhecimento adequado, de todo o pensamento ocidental¹⁰. Durante a Renascença, Sêneca e Epicteto, assim como Cícero, foram muito lidos. O estoicismo esteve, ademais, presente em correntes de pensamento nos

9 INWOOD, Brad. Os Estóicos. Tradução: Raul Fiker. Preparação e Revisão Técnica: Paulo Fernando Tadeu Ferreira. São Paulo: Odisseus Editora, 2006. Pág.38.

10 INWOOD, Brad. Os Estóicos. Tradução: Raul Fiker. Preparação e Revisão Técnica: Paulo Fernando Tadeu Ferreira. São Paulo: Odisseus Editora, 2006. Pág. 403.

séculos XVII e XVIII (neostoicismo) e mesmo nas reflexões filosóficas de homens como Descartes, Spinoza, Leibniz, Rousseau, Grotius, Shaftesbury, Adam Smith e Kant. Em tempos mais recentes, tornou-se objeto de grande interesse acadêmico. Com efeito, traços de estoicismo podem ser encontrados em Foucault, Macintyre e Taylor.

2. A ética estoica¹¹

Os estoicos, assim como os demais filósofos antigos, presumiam que todos os seres humanos desejavam ser felizes. Entendiam que a felicidade era o fim do homem, ou seja, a motivação por trás de todas as suas ações. Declaravam que a felicidade consistia em seguir a própria natureza; não apenas a natureza humana, mas também a natureza como um todo, a ordem cósmica universal governada por Zeus ou pela Razão. Seguindo a natureza, o homem é feliz. Do mesmo modo, seguindo a natureza é ele virtuoso. Para os estoicos, somente o homem virtuoso é feliz, e a virtude é a única coisa boa em todos os sentidos.

Por outro lado, somente o vício é mau e nos faz infelizes. As demais coisas, como por exemplo a pobreza, a desonra, a doença, a escravidão e a morte, são indiferentes, devendo ser escolhidas em conformidade

¹¹ Para as fontes a respeito da ética estoica, conferir o artigo de Malcolm Schofield intitulado *Ética estoica*. [SCHOFIELD, Malcolm. *Ética estoica*. In: INWOOD, Brad. (Org.). *Os Estoicos*. Tradução: Raul Fiker. Preparação e Revisão Técnica: Paulo Fernando Tadeu Ferreira. São Paulo: Odisseus Editora, 2006.] Neste artigo, utilizamos, para um panorama geral da ética estoica, a introdução – mais precisamente a parte intitulada *Visão geral da ética estoica* – do livro de Tad Brennan chamado *A Vida Estoica*. (BRENNAN, Tad. *A Vida Estoica: emoções, obrigações e destino*. Tradução: Marcelo Consentino: Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2010. Págs. 47-56.)

com a natureza. Assim, alguns indiferentes são “promovidos” e alguns “demovidos”. Comida e saúde são exemplos de indiferentes promovidos, fome e doença são exemplos de indiferentes demovidos. Os indiferentes não exercem influência sobre a felicidade, que somente é alcançada com virtude. E o vício é o que a impede.

Ainda sobre os indiferentes, quando se fala que eles devem ser escolhidos em conformidade com a natureza, quer-se dizer que sua escolha deve decorrer da observação do curso natural dos acontecimentos durante um longo período de tempo. De fato, o sábio ou virtuoso, a partir de suas observações do curso natural das coisas, conclui que seria antinatural preferir a fome quando a comida está presente, ou mutilar a si mesmo quando pode conservar seus membros intactos. Assim, ele opta pela comida porque é um indiferente promovido e porque esse ato de seleção, na medida em que se trata de uma ação que segue a natureza, é também uma ação que vai ao encontro da virtude. Preferindo a comida e seguindo a natureza, ele realiza uma ação virtuosa, preservando sua felicidade. A atenção à natureza é que o leva a prestar atenção aos indiferentes à sua volta, percebendo quais são naturais e promovidos e quais são antinaturais e demovidos, selecionando e rejeitando as coisas na vida segundo esse critério. E tudo isso é feito sem que se trate qualquer um dos indiferentes como intrinsecamente bom ou mau; em outras palavras, tudo isso é feito sem nenhuma das paixões (desejo, prazer, medo e abatimento) que turvam a razão do não sábio¹².

12 BRENNAN, Tad. *A Vida Estoica: emoções, obrigações e destino*. Tradução: Marcelo Consentino: Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2010. Págs. 50 e 51.

Os estoicos gostavam de discutir ética descrevendo dois tipos opostos de pessoas: o sábio e o não sábio. O sábio era o indivíduo perfeitamente virtuoso e feliz, enquanto o não sábio era a personificação do vício e da infelicidade. Embora alcançável em tese, o ideal da sabedoria era extremamente difícil e exigente, de forma que praticamente todas as pessoas eram consideradas não sábias. Ainda que pudesse haver pessoas progredindo na direção da virtude, o fato é que os homens mais próximos e os menos próximos do ideal da sabedoria eram igualmente viciosos. Um homem a alguns centímetros da superfície do oceano, diziam os estoicos, pode estar fazendo progressos em direção ao ar fresco, porém, continua tão afundado quanto a pessoa que se encontra cinquenta metros abaixo.

Os atos do sábio são completamente virtuosos, e a virtude permeia todas as suas ações. Os sábios são virtuosos tanto quando, por exemplo, resgatam crianças afogadas, como quando fazem compras, escovam os dentes ou passeiam. Cada uma de suas ações provém do mesmo estado virtuoso da alma, e cada uma delas é um ato virtuoso¹³. De maneira semelhante, as ações do não sábio são todas viciosas, não havendo uma mais viciosa do que a outra. Quando o não sábio desonra os pais ou quando ele escova os dentes, suas ações, em ambas as situações, são igualmente viciosas, pois decorrem de um mesmo estado vicioso da alma. (No entanto, pode haver ações dos não sábios que coincidam com as ações dos sábios. Quando isso acontece, pode-se dizer que a ação do não sábio, embora viciosa, é pelo menos adequada e contribui para seu progresso na direção da sabedoria.)

13 BRENNAN, Tad. *A Vida Estoica: emoções, obrigações e destino*. Tradução: Marcelo Consentino: Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2010. Pág. 49.

Em suma, a ética estoica é um sistema que orienta as escolhas humanas, tendo em vista a felicidade. Nele se estabelece o que é bom, o que é ruim e o que é indiferente para a felicidade. A única coisa realmente boa é a virtude, e a posse dela equivale à felicidade completa. Viver virtuosamente é viver, não apenas de acordo com a natureza humana, mas também em consonância com a natureza do todo, com a ordem cósmica, com Deus (ou Zeus) e a Razão (que acabam por ser a mesma coisa). Maus são somente os vícios, que nos afastam do caminho da felicidade e da virtude. Indiferentes são as demais coisas, que não exercem influência sobre a condição de felicidade, devendo ser escolhidas pelo critério de sua conformidade com a natureza. Por esse critério, alguns indiferentes são ditos “promovidos”, como os alimentos e a saúde, e outros “demovidos”, como a mutilação e a morte. Normalmente, no curso normal da vida, os indiferentes promovidos são escolhidos em detrimento dos demovidos. Todavia, não importa, para a felicidade do indivíduo, se ele optar, em determinada circunstância, por um indiferente demovido. É possível ser feliz optando-se pelo jejum, pela morte ou pela mutilação, assim como em nada interferem na felicidade a pobreza, a falta de saúde ou a condição de escravidão.

Esse sistema ético era normalmente apresentado pelos estoicos através das imagens do sábio e do não sábio. Embora bastante difícil e exigente, o ideal de sabedoria era visto como possível. Em tese, um homem que alcançasse plenamente a virtude tornar-se-ia sábio, e suas atitudes, sempre virtuosas, passariam a ser o parâmetro de toda a ética estoica. Na realidade do mundo, contudo, essa figura do sábio era, na prática, inexis-

tente, e o que havia era realmente não sábios viciosos e infelizes. Ainda que esses não sábios pudessem se encontrar em níveis diversos de progresso em direção à sabedoria, todos eram igualmente viciosos e infelizes, pois não possuíam a virtude. A despeito disso, era possível ao não sábio progredir para a condição de sábio realizando ações adequadas, ou seja, ações que, uma vez realizadas, pudessem receber uma justificação ou defesa razoável. As ações adequadas do não sábio coincidiam com as do sábio, que eram sempre perfeitas e naturais. Realizando ações adequadas, o sábio vivia feliz e virtuosamente, enquanto o não sábio, fazendo a mesma coisa, progredia no caminho da virtude, da sabedoria e da felicidade.

3. A felicidade no estoicismo

Por um lado, sob o ponto de vista comum à toda a filosofia antiga, a felicidade, entre os estoicos, era vista como um desejo inerente aos seres humanos em geral. Por outro, de maneira específica e como que uma resposta a esse desejo inerente aos homens, era ela vista como a condição virtuosa do sábio. Em um certo sentido, todo o sistema ético estoico estrutura-se como uma forma de resposta a esse desejo de felicidade, como uma resposta sobre o que se deve desejar e buscar para ser feliz, ainda que a felicidade, num outro sentido, possa ser vista como um elemento de todo esse conjunto de reflexões éticas levantado pelo estoicismo.

Para ser feliz, um homem não deve desejar buscar a riqueza, a saúde, a liberdade, a paz ou qualquer outro dos indiferentes. Deve ele tão-somente desejar e alcançar a virtude, para isso vivendo em conformidade

com a natureza humana e com a natureza do todo, a ordem cósmica, o próprio Deus ou a Razão universal. Vivendo assim ele evita o vício, única coisa realmente ruim que o afasta do caminho da felicidade. No entanto, para se tornar um sábio verdadeiramente virtuoso e feliz, o homem tem de passar por um árduo processo de aprendizado, incluindo as três partes da filosofia estoica: a lógica, a física e a ética. Com efeito, para saber viver em harmonia com a ordem cósmica, ou seja, de maneira ética, o homem precisa entender essa ordem cósmica, o que não é possível senão por meio do conhecimento da física. Como base para a aquisição desse conhecimento está a lógica, cujas regras, desde que observadas, garantem um conhecimento seguro.

A rigor, portanto, no estoicismo a felicidade é um porto seguro que se alcança por meio da filosofia, por onde se obtém a sabedoria, que para os estoicos equivale a uma vida virtuosa e feliz em conformidade com a natureza. Há uma forte relação de conexão entre felicidade, sabedoria, virtude, natureza e filosofia entre os estoicos. E é nessa relação que se encontra a resposta estoica para esse desejo comum, arriscamos dizer, a todos os homens em todas as épocas.

Referências Bibliográficas

BRENNAN, Tad. A Vida Estoica: emoções, obrigações e destino. Tradução: Marcelo Consentino: Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2010.

INWOOD, Brad. Os Estóicos. Tradução: Raul Fiker. Preparação e Revisão Técnica: Paulo Fernando Tadeu Ferreira. São Paulo: Odisseus Editora, 2006.